

PALCO

JUIZ DE FORA, JULHO. 2014. ANO VI. Nº 40

CENTRAL 85 ANOS RESTAURO DE MANUTENÇÃO

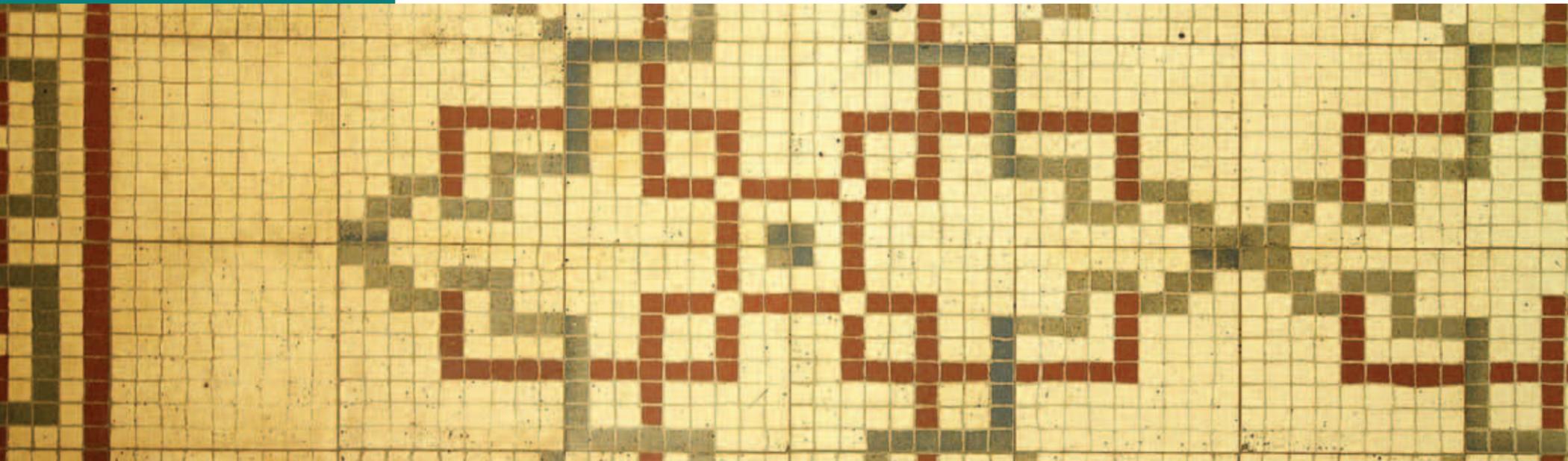
Raro exemplar remanescente, no Brasil, de um equipamento arquitetônico destinado originalmente a abrigar duas formas artísticas, o Cine-Theatro Central será alvo em 2014 da maior intervenção desde a histórica restauração de 1996. Aprovada pelo Iphan (Instituto Histórico e Artístico Nacional) – devido ao tombamento federal do imóvel –, as obras de restauro de manutenção, orçadas em mais de R\$ 944 mil, incluirão tratamento e recomposição da pintura externa e interna, restauro de janelas, ornamentos e ladrilhos hidráulicos, entre outros serviços.

As obras serão executadas pela empresa Espaço-Tempo – a mesma firma que comandou a restauração do cine-teatro na década de 1990. A nova intervenção é o terceiro restauro de manutenção no Central e tem por objeti-

desenho e tonalidade o mais próxima possível à dos ladrilhos originais.

FACHADAS

Nas paredes e marquises externas, a Espaço-Tempo diagnosticou áreas com manchas e sujidades decorrentes do acúmulo de organismos biológicos e de agentes poluidores, além de perdas superficiais de reboco, causadas por infiltrações, desagregação e desprendimentos parciais de reboco. A limpeza será feita com jato de baixa pressão, seguida de recomposição de rebocos e molduras, aplicação de biocidas e fungicidas, recomposição dos revestimentos e pintura nas cores e tonalidades atuais.



vo reverter o atual processo de aceleração das lesões das pinturas artísticas, resultado do uso intenso do imóvel e de degradações sofridas em suas áreas interna e externa. Os serviços foram definidos a partir de um diagnóstico da situação realizado pela empresa, após vistorias das instalações.

Esse diagnóstico identificou, por exemplo, áreas com desprendimentos e perdas parciais de pintura decorativa e artística em paredes, danos esses causados por infiltrações de águas pluviais provenientes de vazamentos em dutos e de infiltrações na laje do terraço acima da sala técnica e das marquises. Essas mesmas infiltrações danificaram as pinturas das fachadas frontal e laterais do teatro. A intervenção prevê, entre outras medidas, a fixação da pintura nas áreas com desprendimento de pintura artística e decorativa e a reintegração cromática e pintura lisa com tinta acrílica com as mesmas características da pintura existente no local.

LADRILHOS

Revestimento típico de imóveis nas primeiras décadas do século passado, os ladrilhos decorativos são uma marca da Companhia Pantaleone Arcuri – que os fabricava em Juiz de Fora e os utilizava em suas construções mais importantes. Desgastados, quebrados e com perdas provocadas pelo uso intenso nesses 85 anos e pela instalação de equipamentos de bilhetagem e barreiras físicas no período anterior à restauração de 1996, os ladrilhos do Foyer principal, no primeiro pavimento, assim como os da escadaria externa do Central, serão pela primeira vez alvo de restauro.

Será efetuada a remoção das peças quebradas e com perdas e dos ladrilhos totalmente desgastados, assim como do contrapiso. Em seguida, haverá reposição do contrapiso, recomposição das partes perdidas e reposição dos ladrilhos faltantes com as mesmas características de cor e

Entre outras intervenções previstas, as obras incluirão o restauro das carrancas e ornatos das fachadas e a revisão e a restauração de todas as 33 janelas das fachadas principal e posterior do cine-teatro.

CONSCIÊNCIA

Segundo o arquiteto Massimiliano Fontana, atuar nas intervenções no Central é profissionalmente muito gratificante para todos os que nelas se envolvem, desde a primeira, na década de 1990, quando alunos dos cursos de Artes, Arquitetura e Urbanismo da UFJF participaram dos trabalhos. “É muito marcante a vivência durante a intervenção, e o resultado final posterior mexe com a gente e com todos que participaram, não importa o tamanho da participação”, diz ele.

A restauração de 1996 representou, resalta Massimiliano, um marco em Juiz de Fora, uma tomada de consciência, que gerou, para muitas pessoas envolvidas no processo, um novo olhar sobre o que é um monumento e um restauro. Recuperar as características originais de um patrimônio e devolvê-lo em sua plenitude para a cidade significa valorizar o monumento e a relação de identidade que existe entre ele e o público. “Ele [o público] é que é premiado e fica satisfeito de estarem tratando um bem que é dele.”

AGENDA

Desde junho, o Cine-Theatro Central está funcionando com agenda reduzida até a finalização das obras, previstas para serem realizadas no segundo semestre. Após o restauro, o cine-teatro voltará ao funcionamento pleno, e para isso já constam em sua agenda espetáculos locais e nacionais, o que confirma a importância do espaço para a movimentação cultural da cidade e para a inserção de Juiz de Fora no circuito cultural brasileiro.

NESTA EDIÇÃO

CIRCO
NOVOS FORMATOS E
LINGUAGENS

LUZ DA TERRA
15 NOVOS PROJETOS

85 ANOS
O CENTRAL E DOIS
PERSONAGENS





85 ANOS MINHA HISTÓRIA COM O CENTRAL

Boa memória, grandes recordações, dois personagens com muitas histórias a contar sobre suas vivências com o Cine-Theatro Central. Um dos mais antigos funcionários do teatro, onde entrou adolescente e saiu aposentado, Waltencir Parizzi recorda, entusiasmado, sua dedicação para que o público presenciasse com qualidade os filmes, os espetáculos musicais e as peças de teatro que o Central recebeu ao longo dos seus 85 anos. Espectadores como Deolinda Falabella, 98 anos, a D. Lindinha, privilegiada testemunha da inauguração do Central em 30 de março de 1929: “A noite de inauguração foi inesquecível, toda a cidade aguardava com ansiedade esse momento. Todos comentavam a beleza e a grandeza do teatro; uma cidade pequena recebendo uma construção que representava, culturalmente, um grande avanço”, relembra.

A construção do Cine-Theatro Central em Juiz de Fora significou um passo importante para que a cidade fosse reconhecida culturalmente entre o eixo Rio de Janeiro-Belo Horizonte. Waltencir Parizzi conta que, como não havia ainda a TV, a única forma de conhecer os artistas do rádio brasileiro – então o principal veículo de comunicação – era quando se apresentavam no teatro. “Eu vi diversos shows da Rádio Nacional, da Rádio Globo: Emilinha Borba, Marlene, Cauby Peixoto e muitos outros artistas da época do rádio. O cine-teatro ficava lotado, muitas pessoas ficavam em pé para conseguir assistir aos shows.”

Muitas dessas presenças ficaram registradas nos álbuns de cartazes e panfletos dos espetáculos e filmes apresentados no Central, que Waltencir organizou a partir do momento em que começou a trabalhar no cine-teatro, aos 14 anos. A coleção foi por ele doada ao Acervo Histórico da UFJF e, hoje, constitui fonte de pesquisa sobre a história cultural de Juiz de Fora.



RITUAL

A história do Central começa com o cinema – um filme mudo foi o primeiro espetáculo exibido na casa – e, por décadas, esse foi o mais importante cinema da cidade. Enquanto Waltencir Parizzi preparava as exibições, cuidando dos testes de imagem e de som, D. Lindinha Falabella se aprontava para assistir ao novo filme em cartaz. Ela conta que seu pai assegurava o dinheiro dos ingressos para ela e as irmãs irem às matinês. Nas sessões noturnas, o pai as acompanhava. “Eu tinha 14 anos, adorava ir ao cinema, ver todos os filmes, [que eram] em preto e branco. Eu era míope, então ficava sentada bem à frente da tela para poder enxergar todos os detalhes.”

Assim como D. Lindinha, Waltencir Parizzi relembra com nostalgia a época em que ir ao cinema exigia uma grande preparação. “As pessoas se arrumavam; havia todo um ritual. A sessão feminina [antes existia uma sessão especial para as mulheres] era uma experiência curiosa: ao entrar na sala destinada a elas, sentia-se o bom perfume das damas da época.”

Na era de ouro do cinema, os filmes atraíam grande público. De acordo com Waltencir, o Cine-Theatro Central chegava a receber até três mil espectadores por sessão. Os nomes dos atores eram destacados com letras maiores para chamar a atenção do público, pois o filme era mais conhecido por seu elenco de astros e estrelas. “Quando os filmes com Oscarito e Grande Otelo eram exibidos, a casa ficava ainda mais cheia. Era uma fila enorme; o público adorava e dava muitas risadas.”

No final da década de 1960, festivais de música popular brasileira realizados em Juiz de Fora tiveram o Central como palco, e cantores que renovaram a cena musical brasileira apresentaram-se na cidade no início de suas carreiras. “O Caetano Veloso, o Milton Nascimento, eles

estavam sempre aqui.” Grandes nomes do teatro também marcavam presença, como a atriz Bibi Ferreira e seu pai, Procópio Ferreira. “Ele fazia 15 apresentações de teatro: era uma peça por dia”, recorda, entusiasmado, acrescentando que nunca viu um ator ser tão profissional.

Waltencir Parizzi trabalhou por mais de 64 anos no cine-teatro. “Eu fui crescendo e mudando de cargo. São muitas histórias que eu tenho para contar, fiz muitos amigos no meu trabalho. Foi muito bom trabalhar lá. Foi uma grande experiência, e eu aprendi muito”, avalia, revelando seu carinho pelo Central.

TRADIÇÃO

Para D. Lindinha, o dia mais marcante no Central foi mesmo o da inauguração, que ela ainda recorda vivamente: “Houve belos discursos, e a orquestra que se apresentou emocionou a todos os presentes, que estavam entusiasmados com essa grandiosa conquista para a cidade”, descreve. Em março desse ano, D. Lindinha foi presença especial na celebração dos 85 anos do Central, com o evento *Central, a emoção de todos nós*, realizado pela Pró-reitoria de Cultura da UFJF.

Dentre muitos momentos que recorda ter vivido no Central, ela destaca o dia em que a Miss Brasil Marta Rocha “desfilou na capota do carro por toda Rua Halfeld e seguiu em direção ao Cine-Theatro Central”. Ao longo de todos esses anos, D. Lindinha voltou muitas vezes ao espaço, mesmo afastando-se da vida cultural de Juiz de Fora ao mudar-se para outra cidade após se casar. Seus filhos, netos e bisnetos, influenciados por ela, mantêm a tradição.

Da mesma forma, toda a família de Waltencir Parizzi acompanhou, durante esses anos, as atrações que o espaço recebe em Juiz de Fora. “Meus filhos e minha esposa Tereza sempre estavam presentes aos espetáculos, shows, filmes. Lá eles puderam ter contato com grandes nomes das artes nacionais e internacionais”, afirma, acrescentando: “O Cine-Theatro Central é o lugar mais bonito dessa cidade, não tem como não ficar encantado com ele”.

Ana Cláudia Ferreira



LUZ DA TERRA CENTRAL DEMOCRÁTICO

A partir de agosto, o espectador juiz-forano terá a oportunidade de conhecer o trabalho ou os novos espetáculos de 15 grupos de teatro, dança e música da cidade. Esse é o número de projetos aprovados na segunda edição do projeto *Luz da Terra*, que tem como objetivo, desde seu lançamento em 2013, proporcionar o acesso de artistas locais ao palco do Cine-Theatro Central, estimulando, assim, a produção cultural da cidade. Em contrapartida, os selecionados contribuem para levar mais público ao teatro, já que os espetáculos devem ter ingresso a preços populares.



Considerado o mais nobre palco de Juiz de Fora, o Central inspira respeito e desafia os artistas selecionados, e mesmo aqueles que já estiveram em seu palco encaram a oportunidade com emoção e ansiedade. "A grande maioria dos cantores envolvidos no espetáculo já se apresentou no Central, mas eles vão com um brilho nos olhos, como se fosse a primeira vez, porque o Cine-Theatro é mágico, é muito bonito", diz Patrícia Guimarães, idealizadora, regente e também cantora da ópera *La Traviatta*, de Verdi, que será apresentada em formato *pocket* como um dos projetos aprovados nessa segunda edição do *Luz da Terra*. A ideia da ópera surgiu da necessidade de mostrar os talentos líricos que a cidade tem e desconhece. *La Traviatta* é a história de uma cortesã que se apaixonou por um jovem e é correspondida, mas acaba se afastando do rapaz a pedido do pai dele. A temática discute questões de nobreza, títulos, bens materiais e como o amor deve estar acima de tudo isso.

Trazendo um espetáculo de dança ao Central, a produtora Rosângela Martins, da Zanza Ballet, montou uma apresentação com duas partes – uma adulta, *Madonna*, que traz danças relacionadas à diva da música pop, e outra infantil, *Mundo X*, inspirada na "rainha dos baixinhos", Xuxa. A primeira parte reúne coreografias de jazz, dança de salão e hip hop, enquanto a segunda parte é composta de balé clássico, jazz e hip hop. Acostumada com o palco do Central, Rosângela não vê muita diferença entre ela e os estreantes: "Mesmo para mim, é muito bom estar no Central. As crianças acham maravilhoso, ficam deslumbradas. As jovens já entendem a importância de estar num espaço como esse. E eu digo uma coisa: enquanto puder, a gente só se apresenta no Central,

porque não tem outro teatro na cidade que comporte nossos espetáculos", assegura.

Tufic Nabak, diretor e coreógrafo do grupo Nabak, e Lailah Garbero, coreógrafa e coprodutora do Studio Tablado Árabe, se uniram para realizar no Central o primeiro *Festival de Danças Árabes de Juiz de Fora*. "O Central é muito grande e, juntando as escolas, poderíamos valorizar o número de bailarinas e também de público", justifica Tufic. Para Lailah, a apresentação é uma forma de difundir a cultura árabe, em especial a dança do ventre, que ainda é muito estigmatizada: "Queremos trazer esse lado cultural para poder quebrar o estereótipo de que é só uma dança erótica, sensual. Existe toda uma história, uma cultura que a gente tem que transmitir com respeito".

Como ressalta Tufic, a dança do ventre pode ser sensual, mas é uma dança sagrada. Para ele, é uma honra levar pela primeira vez a luta contra o preconceito em relação à dança ao Cine-Theatro Central: "A gente ainda está muito ansioso, parece que a ficha ainda não caiu. Apresentar-se num teatro que é patrimônio nacional! Nós já apresentamos espetáculos em outros locais, mas esse é produzido e dirigido por nós", informa. Segundo Lailah, o espetáculo será uma produção à altura da grandiosidade do Central: "Nós já fizemos inúmeras reuniões, longuíssimas. Os números já estão definidos, as músicas já estão escolhidas e estamos ensaiando". O espetáculo traz referências egípcias, libanesas e turcas, transformando-se numa verdadeira festa cultural. Com 23 coreografias e cem bailarinas, a montagem tem como característica a fidelidade à cultura árabe.

CRITÉRIOS

O ineditismo do evento proposto é um dos critérios considerados no julgamento dos projetos inscritos nas seleções do *Luz da Terra*, ao lado de aspectos como importância artístico-cultural para a cidade, extensão cultural e social da proposta, equipe, apresentação de estratégias de divulgação e originalidade da proposta. A diversidade e a qualidade dos espetáculos inscritos nessa segunda edição tornaram mais difícil a escolha da comissão examinadora, segundo Wanderlei Faini, auxiliar administrativo do Central e um dos idealizadores do *Luz da Terra*, ao lado do Pró-reitor de Cultura Gerson Guedes. Devido à qualidade das propostas, três projetos classificados como suplentes deverão efetivamente ser apresentados no Central, elevando o número de espetáculos dos 12 originalmente aprovados para um total de 15 nessa edição.

LUZ DA TERRA 2014

- "Festival de Danças Árabes de Juiz de Fora"
- "Irmãs Gêmeas – Uma comédia em dose dupla"
- "Festival de Dança Movimento 7"
- "Quem quiser que conte outra" e "Feminino Plural"
- "O Lado bom da Vida"
- "La Traviatta de Verdi em formato POCKET"
- "O melhor de JF"
- "Madonna" e "Mundo X"
- "Samba com a Portella"
- "Orquestra Sinfônica Mário Vieira"
- "Elas por Eles"
- "Do improviso ao Riso" – com Rafael Titonelly
- "Um lugar chamado Danceville"
- "Coppélia"
- "Tempo de despertar"



UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

SOM DE DOMINGO

06, 10h *Lúdica Música!*
Praça Cívica da UFJF

PRÓ-MÚSICA

Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3216-4787
www.promusica.org.br

EXPOSIÇÃO

O fato gráfico - Jorge Arbach
Galeria Renato de Almeida do
Centro Cultural Pró-Música/UFJF
De 14 a 27 de julho

XXV FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA COLONIAL BRASILEIRA E MÚSICA ANTIGA

De 14 a 27 de julho, às 20h30

CINE-THEATRO CENTRAL

Dia 14 Orquestra Barroca do Festival

Dia 15 Quinteto Villa-Lobos (RJ)

Dia 18 Duo Sá de Percussão (RJ)

Dia 19 Camerata Assis Brasil (RJ)

Dia 20 Orquestra Petrobras Sinfônica (RJ)

Dia 21 Coral Jovem do Estado de São Paulo (SP)

Dia 22 Orquestra de Câmara SESIMINAS (MG)

Dia 23 BH Brass: Os Metais das Gerais (MG)

Dia 26 Orquestras do Festival (MG)

Dia 27 Orquestra Filarmônica de Minas Gerais (MG)

IGREJA DO ROSÁRIO

Dia 16 Cravo - Jacques Ogg (Holanda)

Dia 17 Helsinki Baroque (Finlândia)

Dia 24 Músicos de Capella (MG)

Dia 25 Madrigal do Festival (MG)

CAMPUS DA UFJF

(CONCHA ACÚSTICA)

Dia 20, 10h Orquestra Escola Pró-Música/UFJF; Camerata Pró-Música/UFJF; Orquestra De Jazz Pró-Música/UFJF

LANÇAMENTO DE LIVRO

Dia 27 Centro Cultural Pró-Música - 40 anos - Milhares no palco, milhões na plateia

CIRCO ARTE EM TRANSFORMAÇÃO

Arte milenar, registrada em algumas de suas modalidades em quase todas as civilizações antigas, o circo permanece atual e encantador para as novas gerações, como o comprova o sucesso de um evento como o I Festival de Circo de Juiz de Fora, realizado em abril pela Pró-reitoria de Cultura em parceria com a Pomar Cultural: Quitanda de Ideias. Mas há algo de novo sob a velha lona: o circo está em transformação. Tem malabarista, acrobata, mágico e palhaço – figuras tradicionais e insubstituíveis da arte circense. Porém, às eternas atrações, somam-se outras linguagens artísticas. Além disso, o formato familiar e nômade divide espaço com grupos sem essa tradição, que nascem de novos processos de formação.

Para Poliana Tuchia, atriz e palhaça do grupo mineiro Trampulim, que abriu o festival de Juiz de Fora, o modelo tradicional persiste, é importante e tem encontrado cada vez mais apoio nos editais públicos de fomento ao circo. No entanto, diz ela, a transformação é visível: “A formação de um artista circense hoje pode se dar de diversas maneiras, e não só por meio dos circos tradicionais. Aliás, raras vezes vemos um artista se formar diretamente dentro do circo tradicional”, informa a atriz. “Ele provavelmente terá passado antes por uma escola de circo, um curso técnico ou universitário de teatro ou por cursos informais, workshops e oficinas de curta duração.”

Essas novas escolas fizeram o movimento circense ressurgir de um lugar em que se encontrava esquecido, acredita Débora Coghi, diretora artística do festival juiz-forano. “Por muito tempo, pensava-se em circo apenas debaixo de uma lona, com famílias tradicionais que seguiam nômades pelo país. Porém, com a visibilidade e o sucesso que circos contemporâneos atingiram, o circo precisou se redescobrir para se inserir no circuito cultural novamente. Por isso, hoje, os espetáculos contemporâneos de circo estão intimamente ligados a outras linguagens como teatro, música e artes plásticas. Foram se desenvolvendo novas formas de fazer a arte mais antiga do mundo.”

Segundo Débora, a programação da primeira edição do festival de Juiz de Fora foi pautada por essa nova tendência. Ela cita os espetáculos *Manotas Musicais*, do Grupo Trampulim, de Belo Horizonte, e *Fábrica de Brinquedos*, da Cia LaMala. Para Felipe Xavier, da Pomar Cultural, a tendência do circo contemporâneo é sair da lona e ir para outros espaços, como o teatro. Segundo ele, há hoje muita dificuldade de produção e apresentação dos espetáculos no formato tradicional do circo, devido às exigências burocráticas que envolvem alvarás e questões de segurança.

EXPANSÃO

Integrante do Grupo Circo Teatro Rosa dos Ventos, Thiago Munhoz acredita que o circo tradicional está bem vivo e que sua magia continua atraindo a curiosidade do público, mesmo com o avanço da tecnologia de comunicação e o acesso à internet. “Existem centenas de circos pequenos que circulam o Brasil em cidades de pequeno porte, que muitas vezes são a única forma de manifestação artística

que chega naquele local. Quando um circo chega a uma cidade pequena, transforma aquele lugar, as pessoas se mobilizam para ir assistir.”

Para Thiago, o que ocorre hoje é, de fato, uma expansão do circo para outros espaços além da lona, o que vê como algo muito positivo, que renova e impulsiona essa arte. “Isso não é um contrário do circo tradicional, é diferente e permite novas práticas, novos acessos”, afirma. Nesses novos contextos, o circo se alia a outras artes: “Raramente assistimos, em um espetáculo circense, à técnica pela técnica, apresentada puramente pelo virtuosismo da habilidade. O circo está comungado com a música, com a dança e com diversas manifestações artísticas que chegam ao espectador com muitos estímulos”.

Nem todos concordam quanto ao modelo do Cirque Du Soleil. Thiago acredita que ele seja uma referência das novas tendências, embora não seja nem pioneiro nem o único. Para Poliana Tuchia, a companhia canadense não pode ser referência desse novo formato por ser um modelo de superprodução circense, com milhares de pessoas envolvidas, grandes empresas associadas, parceiras e patrocinadoras, uma grande mídia e milhões de dólares – bem além da realidade do contexto do circo em geral.

Na opinião da atriz, há outros grupos internacionais e brasileiros interessantes, com trabalhos “sólidos e incríveis”, como a Companhia Australiana Acrobat, os Catalães do Circ Cric e os argentinos do Circo Amarillo. “No Brasil, temos o Circo Zanni (SP), o coletivo Na Esquina (MG), o Grupo La Mínima (SP), o Teatro de Anônimo (RJ), a Cia Nós no Bambu (DF)”, exemplifica a atriz.

FESTIVAL

Na avaliação de Poliana Tuchia, os festivais cumprem um papel importante na nova cena do circo. “São imprescindíveis para o circo no Brasil hoje, porque é por meio deles que encontramos outros artistas, fazemos contatos, assistimos a espetáculos, trocamos informações. Enfim, é um ambiente muito produtivo”, ressalta a atriz. Se depender da Pomar Cultural, o Festival de Circo de Juiz de Fora já está consolidado. Os organizadores consideraram que a primeira edição superou todas as expectativas, com um público de cerca de nove mil pessoas ao longo de quatro dias de atrações.

Segundo Felipe Xavier, a parceria com a Pró-reitoria de Cultura e a UFJF foi essencial para a realização de um evento desse porte e para o resultado alcançado. Entretanto, já se sabe que há público maior para o evento – muitas pessoas ficaram de fora por falta de lugar na tenda. Segundo Xavier, a estrutura deverá ser ampliada e aperfeiçoada para a próxima edição.

Para o Pró-reitor de Cultura Gerson Guedes, atrair um público infantil e jovem, tão seduzido pelas *gadgets* tecnológicas, foi a grande vitória do evento: “Esse público pôde entrar em contato com uma realidade mágica, o riso e o encantamento, que não podem se perder. Os espetáculos mostraram que há vida muito além das telinhas de celulares e computadores”, comemorou.

Izaura Rocha